

# PIB deverá avançar apenas 0,4% em média desde 2012, calcula economista da Austin Rating

No período, segundo conta de Alex Agostini, média anual da inflação ficará em 5,9%; contexto atual, com cenário fiscal e crescimento econômico estagnado, aumenta o desafio do Banco Central para reverter o quadro

Vinicius Neder e Bruno Villas Bôas, O Estado de S.Paulo  
11 de setembro de 2021 | 05h00

## Conteúdo Completo

[FECHAR](#)

> PIB deverá avançar apenas 0,4% em média desde 2012, calcula economista da Austin Rating

• Economistas avaliam como enfrentar a ameaça de uma estagflação no País

RIO – 11/09/2021 - Embora os analistas ouvidos pelo **Estadão** tenham divergências em suas projeções sobre a duração e a intensidade da inflação nos próximos meses, a maioria converge para a constatação de que o **Brasil**, há décadas, vive em um contexto propício à estagflação. “O Brasil vive uma situação de ‘**estagflação**’ há muito tempo. A economia não consegue crescer, mas a inflação acontece”, afirma o **economista-chefe da agência de risco Austin Rating, Alex Agostini**.

Ele sustenta a sua observação ao citar que, nos últimos dez anos, de 2012 a 2021, a média de crescimento anual do **PIB** deverá ficar em 0,4%, e a da **inflação** anual ficará em 5,9% pelo **IPCA**.

*Segundo o Novíssimo Dicionário de Economia, organizado por **Paulo Sandroni**, “estagflação” é uma “situação” que ocorre na economia, quando “a estagnação ou o declínio do nível de produção e emprego se combinam com uma inflação acelerada”. É um quadro atípico, diferente do funcionamento “normal” das economias, conforme descrito pela teoria econômica clássica.*

O funcionamento típico parte do princípio que a dinâmica de preços passa, principalmente, pelo jogo entre oferta e demanda. Quando a economia cresce, empregos são gerados e a demanda aquece, favorecendo reajustes de preços e a inflação. Quando a economia se retrai ou cresce muito pouco, o desemprego sobe e a demanda esfria, arrefecendo a inflação. Os bancos centrais fixam suas taxas básicas, principalmente, para atuar sobre a demanda – mais crédito a juros baixos estimula a demanda, menos crédito a juros elevados produz o efeito inverso. Vários outros fatores, como expectativas e indexação, atuam na dinâmica de preços, mas uma economia estagnada não deveria ter inflação.

A “estagflação” não é um conceito teórico. Na explicação mais recorrente, o termo foi cunhado pelo parlamentar e ex-ministro britânico Iain Macloed, no Parlamento inglês em 1965. O rótulo colou e se popularizou nos mercados financeiros na década de 1970, por causa das crises do petróleo.

## Choque na economia

Quando os principais países produtores do Oriente Médio se organizaram para controlar a oferta de petróleo, os preços dispararam. Foi um choque de oferta inesperado, com efeitos atípicos sobre as economias. Os países se viram com dificuldades para obter um importante insumo para a produção – portanto, para o crescimento econômico. Ao mesmo tempo, tudo o que tinha o petróleo como insumo ficou mais caro, e os reajustes chegaram ao consumidor. O resultado foi crescimento estagnado com preços em alta.

Quase meio século depois, a covid-19 foi outro choque inesperado. A necessidade de restringir o contato social desorganizou a economia mundial. Pelo lado da oferta, fábricas foram fechadas nos primeiros meses, o sistema de transporte marítimo travou e paradas de produção em cascata causaram escassez e encarecimento de componentes. Pelo lado da demanda, especialmente após os meses iniciais, as famílias deixaram de gastar com serviços e passaram a gastar com bens, movimento turbinado por políticas de transferência de renda em diversos países. A combinação de oferta restrita com demanda elevada resulta em inflação, até na Europa e nos EUA.

Armando Castelar, coordenador da área de Economia Aplicada do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre/FGV), ressalva que o quadro atual é diferente, por exemplo, da ‘estagflação’ do início dos anos 1990, quando “havia um descolamento: a demanda podia cair, a economia retrair, mas a inflação continuava. Não temos isso agora”.

Para a economista e consultora Zeina Latif, o BC precisará de ajuda em seu trabalho. “Encaminhar melhor a questão fiscal reduziria a pressão sobre o dólar. Isso aliviaria o trabalho do Banco Central na política monetária e, indiretamente, nas expectativas inflacionárias”, afirma.